



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

RICHARDSON DE SOUSA PEREIRA

O REI ARTUR: O MITO DE UM HERÓI DAS LENDAS BRETÃ

**GUARABIRA
2018**

RICHARDSON DE SOUSA PEREIRA

O REI ARTUR: O MITO DE UM HERÓI DAS LENDAS BRETÃ

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciado em Letras habilitação em Língua
Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e
Imaginário.

Orientador: Prof. Ms. Rafael Francisco Braz.

GUARABIRA
2018

P436r Pereira, Richardson de Sousa.
O Rei Artur: [manuscrito] : o mito de um herói das lendas
bretãs / Richardson de Sousa Pereira. - 2018.
31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz,
Departamento de Letras - CH."

1. ARTUR. 2. MITO. 3. IMAGINÁRIO.

21. ed. CDD 801.95

RICHARDSON DE SOUSA PEREIRA

O REI ARTUR: O MITO DE UM HERÓI DAS LENDAS BRETÃ

Artigo, apresentado ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e Imaginário.

Aprovada em: 11 de Junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Cláudia Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Aos meus avós maternos (in memoriam), pela forma como forjaram meu caráter e toda dedicação em minha educação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado forças para chegar até aqui.

À coordenação do curso de Graduação em Letras Português, por seu empenho.

Ao professor Me. Rafael Francisco Braz pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Ao meu pai Ozinaldo Duarte Pereira, a minha avó Helena Joaquim de Souza (in memoriam), pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

A minha mãe Marineide de Sousa Pereira, por ter me dado toda educação e ensinamentos.

A minha esposa, Michelle Thalyta Cavalcante Alves Pereira por toda paciência e a minha filha, Clara Marine Alves Pereira por todo o carinho e afeto.

Aos professores do Curso de Graduação em Letras, de modo geral, que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos amigos, que sempre estiveram ao nosso lado, compartilhando momentos de alegria e companheirismo.

“Partiu, pois, Artur à oriental guerra, e batalhas
despertaram em terras selvagens.”

“A Queda de Artur”

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	BREVES PALAVRAS SOBRE J.R.R.TOLKIEN.....	10
3	TEORIA.....	14
4	AQUEDA DE ARTUR: O MITO E SUA LENDA.....	20
4.1	Cântico I.....	21
4.2	Cântico II	22
4.3	Cântico III	23
4.4	Cântico IV	24
4.5	Cântico V	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
	REFERÊNCIAS	28

O REI ARTUR: O MITO DE UM HERÓI DAS LENDAS BRETÃ

Richardson de Sousa Pereira*

RESUMO

A narrativa do livro nos faz entrar em um mundo imaginário repleto de fantasias e encantos, mas que também nos transporta para um mundo real onde a ficção se funde com realidade com características de uma época chamada de idade média. Este artigo foi produzido a partir da análise de leituras do livro *A queda de Artur* (2013) escrito por J.R.R. Tolkien, embora seja um livro inacabado, ele conta algumas aventuras do rei Artur de Camelot, dentre estas aventuras estão as batalhas marítimas, questões de Lancelot, sua ida e volta às terras selvagens e seu conflito com Mordred. O objetivo, principal, deste artigo é analisar o mito herói através da obra *A queda de Artur* (2013) escrito por J.R.R. Tolkien. Para tanto nossa fundamentação teórica baseia-se em Brunel (2005), Campbell (1990) e Le Goff (2011). A análise nos mostra que a personagem rei Artur e como este mito foi trabalhado durante vários séculos, isto mostrar o poder da literatura como parte cultural de uma civilização que se destaca entre as demais, porque ela deixa o seu legado demonstrando, assim, a sua aquisição com o uso da escrita, para que as suas ideias possam ser reproduzidas independentes do tempo ou da época.

Palavras-Chave: Artur. Mito. Imaginário.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo foi produzido a partir da análise de leituras do livro *A queda de Artur* (2013) escrito por J.R.R. Tolkien, embora seja um livro inacabado, ele conta algumas aventuras do rei Artur de Camelot, dentre estas aventuras estão as batalhas marítimas, questões de Lancelot, sua ida e volta às terras selvagens e seu conflito com Mordred.

A narrativa do livro nos faz entrar em um mundo imaginário repleto de fantasias e encantos, mas que também nos transporta para um mundo real onde a ficção se funde com realidade com características de uma época chamada de idade média.

É por meio da linguagem construída, pela ação do homem que sempre interage com o meio social que estar a sua volta, que surge então à necessidade da comunicação independente do tempo ou da época que estamos vivendo, pois, a comunicação é essencial para que possamos viver em sociedade e ao vivermos em sociedade é preciso manter o contendo individual e, também, o contato coletivo, pois existem regras a serem estabelecidas.

* Aluno de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: richardsonuepb@gmail.com.br

Refletir sobre a impotência da linguagem como forma de comunicação entre seres humanos, em outras palavras também podemos dizer, que esta interação social por meio da língua não é só um processo de decodificação de signos para uso da informação em áreas específicas do conhecimento humano, pelo contrário esta comunicação deve estar presente em todas as áreas afins do conhecimento, porque é a partir dela que podemos compreender o outro nos seus mais distintos aspectos socioculturais e desenvolver mecanismo que passamos a falar de algo que está em nosso interior.

A escolha desse tema, O rei Artur: um mito de um herói das lendas bretãs nos faz entender a importância da literatura como um instrumento de comunicação, porque ela tem o poder de nos transportar para uma época bem distante da que atualmente vivemos e por meio dessa viagem no tempo, poder conhecer outras culturas e outras civilizações, pois ao longo de vários séculos, o ser humano tem tentado deixar por meio de marcas ou registros a sua passagem pela terra e dessa forma transcendendo os seus pensamentos para as futuras gerações, falando e descrevendo cenas vividas por heróis dos quais transcendem a imortalidade.

Quando colocamos a importância da literatura como forma de conhecer outras culturas e outras civilizações, também, está implícito o discurso de também querer conhecer o outro com suas qualidades e seus defeitos, pois somos frutos de um meio social e, sendo assim, a literatura tem essa função de fazer com que um autor possa se expressar livremente fazendo com que suas ideias possam nos tocar, profundamente, e a partir dela nos fazer sentir alegria, tristeza ou dor por meio de palavras que muitas das vezes não conseguimos medir o seu alcance.

A obra *A Queda de Artur*, J.R.R. Tolkien além de nos transportar para um reino de fantasia onde podemos sentir diversas emoções ela, também, nos faz compreender um pouco sobre a idade média, onde o imaginário popular ganha uma grande dimensão, pois os heróis poderiam até se tornar um ser de grande relevância dentro daquele contexto social em que viviam, porque a idade média é um mundo marcado por constantes conflitos quer seja por ordem social, religiosa ou até mesmo por pestes que provocavam mortes de inúmeras pessoas, e por causa de seu poder e de sua bravura estes heróis poderiam até se tornar em mito.

É, nesta perspectiva da necessidade de ter uma literatura com uma identidade própria que a construção do mito do rei Artur feito por Tolkien, mostra a importância da literatura como forma de expressão e criatividade do homem, pois é por meio da criação que o homem pode construir, desconstruir as ideias e os pensamentos e até os costumes de uma época dando uma nova ressignificação para sua liberdade de expressão, apesar deste artigo não ter como

objetivo, falar da literatura como forma de ensino e aprendizagem no cotidiano da prática do professor em sala de aula.

É importante ressaltar que ao introduzir à leitura em sala de aula por meio da literatura o professor/a, também, se torna um instrumento de grande importância. Ao levar a produção do conhecimento ao aluno/a, por meio de um novo olhar, nesse processo da produção do conhecimento, ambos vão construindo novas formas de resignificar tudo que antes fora trabalhado sobre o olhar de uma nova leitura e dando sentido a este olhar com sensibilidade, porque a literatura nos aproxima da história, e a literatura também tem o poder de nos retirar do tempo e do espaço em que estamos situados para vivermos novas experiências por meio da imaginação.

É por meio desse olhar, que inserimos o livro já mencionado, anteriormente, como objeto de estudo para que possamos falar da construção do personagem o rei Artur como um herói que se transformou em um mito, cujo poder nos faz adentrar em um mundo imaginário onde a ficção pode se confundir com a realidade, pois o livro está dividido em duas partes, sendo a primeira parte escrita por J.R.R.Tolkien em forma de versos e a segunda parte escrita por seu filho que tem por nome de Christopher Tolkien onde ele conta aspectos peculiares que estão presentes na obra por meio de informação, mantendo um diálogo com o leitor sobre as narrativas das histórias do rei Artur.

Esta obra, em outras palavras, pode ser traduzido como sendo um épico inacabado, devido a sua forma de narrativa tornou-se um clássico da literatura inglesa e, mundialmente, reconhecida, e ainda continua fazendo com que os seus admiradores mergulhem em um mundo mágico de mil encantos.

Para a realização deste artigo, foram feitas as seguintes ações metodológicas: inicialmente, leituras da obra "*A Queda de Artur*" para coleta de dados; depois foi feita uma pesquisa em sites da internet, com consulta a artigos que discutem tal obra, BRUNEL (2005) CAMPBELL (1990) entre outros a exemplo do historiador: Le Goff (2011) que escreveu o livro "*Heróis e Maravilhas da Idade Média*", porque ambos os discursos trazem reflexões de um passado histórico cujas características estão presentes na construção dos personagens do livro "*A Queda de Artur*" por J.R.R. Tolkien.

O artigo está dividido em cinco partes: na primeira parte encontra-se uma pequena introdução em que fazemos um breve comentário sobre o tema proposto para que possamos refletir sobre a importância da literatura onde a linguagem decodificada transmite a informação ao leitor.

A segunda parte é uma Biografia sobre a vida do autor J.R.R. Tolkien, onde estão presentes algumas informações de sua produção literária. A terceira parte refere-se à Teoria, onde estabelecemos um diálogo em relação a obra “*A Queda de Artur*” com autores que fomentam a discussão em que está ambientada a obra como objeto de estudo. Na quarta parte temos a análise da obra *A Queda De Artur*, onde está presente alguns aspectos importantes da narrativa de sua obra. Na quinta parte, temos as considerações finais que, de forma objetiva, recuperamos a reflexão sobre a obra de J.R.R Tolkien em estudo para este trabalho acadêmico.

2 BREVES PALAVRAS SOBRE J.R.R.TOLKIEN

Antes de fazermos uma análise da obra *A queda de Artur* como objeto de estudo para este trabalho acadêmico é importante falar um pouco sobre a vida e a obra Tolkien, porque é importante para compreendermos a sua produção literária e como ele viveu em meio a uma sociedade onde ele se diferenciou do estilo de literatura que era produzido em sua época.

Então falar de Tolkien não é tão simples assim, pois é preciso conhecer um pouco de seu lugar social apenas, neste artigo [...] tentei contar a história da vida de Tolkien sem ensaiar quaisquer julgamentos críticos a respeito de suas obras de ficção. Mas de qualquer forma [...] a [...] biografia publicada de um escritor não é necessariamente o melhor lugar para [...] (CARPENTER 1992 p 6). Alguém emitir juízos literários ou juízo de valor sobre um autor ou o conjunto que compõe a sua obra, pois os diários, as cartas e outros papéis foram de grande importância na produção de sua biografia cedido por seus filhos, John Tolkien, Michael Tolkien, Christopher Tolkien e Priscilla Tolkien.

Segundo CARPENTER (1992) ao falar de como produziu a biografia de Tolkien ele afirma que:

Este livro baseia-se nas cartas, nos diários e em outros escritos do falecido professor J.R.R.Tolkien, e nas reminiscências de sua família e seus amigos. O próprio Tolkien não era inteiramente favorável a biografias, ou melhor, desgostava-lhe que fossem usadas como forma de crítica literária. “Uma de minhas opiniões mais categóricas”, escreveu certa vez, “é que a investigação de biografia de um autor é uma abordagem inteiramente vã e falsa às suas obras.” No entanto, ele sem dúvida tinha consciência de que, graças à notável popularidade da sua ficção, era altamente provável que uma biografia fosse escrita após a sua morte; e, de fato, ele parece ter feito alguns preparativos para tanto, pois nos últimos anos de sua vida acrescentou notas explicativas e comentários a várias cartas e documentos antigos além de, escrever também algumas páginas de reminiscências da infância. [...] (CARPENTER 1992 p 6)

Sendo assim, tudo teve início com John Ronald Reuel Tolkien conhecido, internacionalmente, por J.R.R.Tolkien, nasceu em 3 de janeiro de 1892 em Bloemfontein, cidade localizada na região da África do Sul e faleceu em 02 de setembro de 1973, aos 81 anos. Ele era filho primogênito do casal Arthur Tolkien e Mabel Tolkien, teve um irmão mais moço chamado de Hilary Tolkien, nascido em 17 de fevereiro de 1894, uma criança saudável, porém o seu irmão Tolkien era uma criança que vivia doente devido às variações climáticas ocorridas naquele lugar.

O Seu pai, o senhor John Ronald Reuel Tolkien trabalhava em um banco financeiro e vivia muito ocupado com as atividades diárias do seu emprego, enquanto isso, sua mãe desejava conhecer outros lugares e ali viver, Após a morte de seu pai de forma repentina e precoce em fevereiro de 1986 aos 39 anos de idade, vítima de uma febre reumática que o degenerou rapidamente em pleno verão Africano, a senhora Mabel Tolkien, resolve mudar-se para Sarehole Mill, com os seus filhos, atualmente este lugar é conhecido como o subúrbio de Birmingham localizado no Reino Unido, onde permaneceram por lá aproximadamente quatro anos e depois muda-se novamente para Moseley, onde é conhecido como sendo o subúrbio de Birmingham.

Zelosa com a educação dos seus filhos, Mabel Tolkien ensinou preliminarmente Francês, Latim e música a Ronald, que já demonstrava desde cedo um fascinante interesse pelas línguas, que encorajado pela mãe, exercia com deslumbre a prática de leitura em livros. Em Birmingham, após fazer a prova de admissão da King Edward's, uma reconhecida e renomada escola da Inglaterra, foi contemplado após a segunda tentativa em 1900, tendo a oportunidade de ter acesso a bons professores.

E após várias mudanças de cidades onde fixarão moradia, de Moseley para *King's Heath e de King's Heath* fora morar em Oliver Road, depois foram morar em Edgbaston. Onde Ronald e Hilary são matriculados na St. Philip's Grammar School, e depois de um ano os meninos são retirados da St. Philip's, porque Ronald obtém uma bolsa de estudos na King Edward's. Foi nessa época que Ronald desenvolve seu interesse por línguas, e passa a estudar vários idiomas como: francês, alemão (currículo padrão), e ainda o grego e o inglês medieval.

Por uma ironia do destino no início do ano de 1904, Mabel Tolkien é diagnosticada com diabetes, doença que na época ainda não existia tratamento específico, e ao passar alguns meses no hospital ela não resisti e em novembro do mesmo ano veio a óbito precocemente aos trinta e quatro anos de idade, deixando os filhos órfãos.

Segundo CARPENTER (1992) ao falar da morte da senhora Mabel Tolkien mãe do escritor Tolkien, afirma que:

Para os parentes de Tolkien, os primeiros dias após o enterro de Mabel foram um período de confusão a respeito do que fazer com Ronald e Hilary. Pouco tempo antes de sua morte, Mabel indicara padre Francis como responsável pela guarda dos meninos, mas eles não poderiam viver no Oratório e, apesar de a ideia de colocá-los no colégio ser levantada, foi rapidamente rejeitada, pois não havia dinheiro suficiente para pagar as despesas. Ronald estava no Colégio King Edward graças a uma bolsa, mas isso não incluía alimentação e Hilary tinha acabado de ser aprovado no exame de admissão e fora aceito como aluno, mas não como interno. (CARPENTER 1992 p 30)

Depois deste trágico acontecimento, Ronald e Hilary muda-se para a casa de sua tia, Beatrice, na Stirling Road em 1905, mas viveram com a sua tia aproximadamente 4 anos depois eles mudam-se para a casa da sra. Faulkner na Duchess Road, foi neste lugar que Ronald conhece Edith Bratt, e ambos dão início a um relacionamento amoroso.

Então, quando o romance de Ronald e Edith Bratt foi descoberto pelo padre Francis Morgan, (pessoa ligada intimamente à família [...]) “ *e determinou que Ronald não estava apenas proibido de ver ou falar com Edith até completar 21 anos [...] ele acrescentou a ressalva bastante cruel de que dali em diante não haveria qualquer forma de comunicação [...] (WHITE 2002 p. 35)* entre eles para que não houvesse maiores consequências. E para justificar esta atitude o padre afirma que Ronald precisa dedicar-se aos estudos com afinco para os futuros exames de admissão em Oxbridge (Oxford e Cambridge) fossem feitos com êxito. Após os exames para a bolsa de estudo em Oxford Ronald não consegue ser admitido, porem em dezembro de 1910, Ronald ganha uma bolsa no Exeter college, Oxford.

Com o passar do tempo em 1911, um ano depois, ele funda com outros brilhantes colegas o clube do chá, Sociedade Barroviana ou T.C.B.S onde faziam leituras de *Beowulf*[†] e *Sir Gawain and the Green Knight*[‡], pois este clube tinha como presença marcada o Christopher Wiseman, Robert Gilson, e Geoffrey Bache Smith. De acordo com WHITE (2002) ele afirma que,

Toda tarde, quando se encontravam na biblioteca, faziam chá com uma chaleira e um fogareiro que levavam escondido e cada um deles trazia consigo bolo ou sanduíche. Durante o chá, eles discutiam suas obsessões em comum – línguas antigas e mitologia. Eles liam *Beowulf* e *Sir Gawain and the Green Knight*⁷, conversavam sobre música clássica e os assuntos correntes e repassavam aos demais

[†]Personagem de uma lenda repleta de heróis e guerreiros onde a sua narrativa é ambientada em um mundo escandinávo.

OLIVEIRA, Ana Karla Pereira De. **Na ordem do destino: o poder do inevitável e da fatalidade em Beowulf.** [Monografia *online*] disponível em: < <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/16039/1/PDF%20-%20Ana%20Karla%20Pereira%20de%20oliveira.pdf> > acessada em 29 de mai de 2018 às 21:49.

[‡]Manuscrito datado do fim do século XIV e início do XV, o poema retrata as histórias vividas por Sir Gawain na corte do rei Artur. KLAUTAU, Diego. **O estudo de J.R.R. Tolkien do poema “Sir Gawain and the Green Knight”.** [Artigo *online*]. Revista Ceberteologia. Disponível em: < http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2014/12/Artigo1_O_estudo_de_JRR_Tolkien.pdf > acessada em 29 de mai de 2018 às 21:49.

qualquer nova descoberta feita no mundo dos livros, da arte e da “alta cultura”. De várias maneiras, este pequeno grupo constituiu o modelo para os Inklings, o famoso grupo de intelectuais concentrado em torno de Tolkien, C. S. Lewis e outros catedráticos de Oxford. Era um grupo formado por jovens que compartilhavam as mesmas opiniões, os mesmos interesses, a mesma curiosidade intelectual e princípios elevados. (WHITE 2002 p 36)

Em janeiro de 1913, Ronald reencontra Edith Bratt, ela é recebida na Igreja Católica para a formalização do noivado e em 1914, mesmo ano de sua volta a Oxford para completar o curso de graduação ele recebe honras de primeira classe no exame final, e passa a fazer parte do corpo de fuzileiros Lancashire em 1915.

Com o passar do tempo, em 22 junho de março de 1916, Ronald casa-se com Edith, e Tolkien embarca para a França, viaja ao Somme como segundo tenente do 11º Corpo de Fuzileiros de Lancashire, e presta serviço ativo como Oficial Sinalizador do Batalhão até o outono. Em novembro eles volta à Inglaterra, porque Tolkien foi acometido de uma enfermidade. Em Janeiro de 1917, durante a convalescença em Great Haywood, ele começa a escrever “O livro dos Contos Perdidos”, que terminaria se transformando no Silmarillion[§], no mesmo ano nasce seu primeiro filho John.

No decorrer do ano de 1919, Tolkien começa a trabalhar como tutor autônomo, e mudam-se para Alfred Street 1. Chegando nesse lugar ele torna-se docente de Língua Inglesa na Universidade de Leeds em 1920, mesmo ano da chegada do seu segundo filho, Michael. E 4 anos depois nasce o seu terceiro filho em 1924, que recebeu o nome de Christopher, ano em que Tolkien torna-se catedrático de língua Inglesa na Universidade de Leeds. Em 1925 é publicada a edição de Sir Gawain, e nesse mesmo ano Tolkien é eleito para a Cátedra Rawlinson e Bosworth de Anglo-Saxão em Oxford assumindo o cargo de professor titular.

Com o decorrer do ano em 1926 que Tolkien torna-se amigo de C.S. Lewis, e os dois comeram a participar assiduamente em grupos de diversas atividades literárias e assim ele passou a se dedica cada vez mais a literatura. No ano de 1929, nasce a sua filha que recebeu o nome de Priscilla sendo ela a primeira filha mulher, entre três filhos homens. Em 1930 Tolkien escreve O Hobbit, mas, abandona-o antes de concluí-lo. Em 1936 seis anos depois, ele faz uma conferência sobre Beowulf – Beowulf: The Monsters and the Critics. O manuscrito de o Hobbit é lido por Susan Dagnall da editora Allen & Unwin, e, por vontade própria Tolkien finalmente termina o livro.

A publicação do livro O Hobbit ocorreu em 1937 em pleno outono e por sugestão de Stanley Unwin, Tolkien começa a escrever uma continuação, que se torna O Senhor dos Anéis, em 1949 é completado o Senhor dos Anéis, a publicação de farmer Giles of Ham, que

[§] Livro escrito por Tolkien, onde ele fala da criação de um universo.

em seguida é oferecido à editora Collins. Então a publicação dos dois primeiros volumes de O Senhor dos Anéis foi feita no ano de 1954 e a publicação do terceiro volume em 1955. Com o passar dos anos Tolkien aposenta-se da sua cátedra em 1959, logo em seguida veio a publicação de *The Adventures of Tom Bombadil* em 1962, a publicação de *Tree and Leaf* em 1964, e a publicação de *Smith of Wootton Major* em 1967.

Tolkien foi um homem de uma personalidade notável e ao seu lado sempre esteve a sua esposa a senhora Edith Tolkien que o acompanhou durante a sua jornada em vida, mas em novembro de 1971, a senhora Edith Tolkien, falece aos oitenta e dois anos. Então um ano depois em 1972, Tolkien recebe o título de comandante da ordem do império Britânico e também o título de doutor honorário em Letras pela Universidade de Oxford.

Já bastante debilitado pela idade, em 28 de agosto de 1973, ele vai visitar amigos em Bournemouth, chegando naquele lugar adoece e morre em um sanatório nas primeiras horas do domingo, 2 de setembro, aos oitenta e um anos de idade. Após sua morte, o seu filho Christopher Tolkien passou a editar e publicar o poema inacabado a partir de seus manuscritos, lançando o livro com o título de, *The Fall of Artur*, em maio 2013, este livro caracteriza-se sendo uma obra inédita cuja a narrativa do poema é sobre o lendário rei Artur, enquanto isso, a editora WMF Martins Fontes anuncia a publicação de *A Queda de Artur* para o final do mesmo ano.

Enfim, estas breves palavras sobre a vida e a obra de JRR Tolkien, é de grande importância para que possamos compreender que somos frutos de um meio social, onde podemos estar abertos para viver novas experiências e a partir dessas experiências nos construirmos enquanto sujeitos históricos. A produção de Tolkien cumpre com esta função, não só de falar de um reino de fantasias, mas ele mescla o mundo imaginário com aspectos de um mundo real, onde a ficção e a realidade se misturam, fazendo da literatura um meio de comunicação onde a linguagem comunicativa ganha um grande destaque.

3 TEORIA

O homem ao expressa por meio de narrativas, ideias, pensamentos ou até uma ideologia, seja qual for a intenção de um determinado autor ao produzir uma literatura que contemple os seus próprios interesses, independentemente do tempo ou da época, a obra como uma produção literária permanece sendo a representação do legado de uma civilização, onde as histórias por ele narradas como ficção podem ter origem a partir de um acontecimento real ou a partir de cenas do cotidiano, estas cenas podem ser recriadas e dessa forma dá um

novo sentido a estas recriações podendo acontecer até de um momento inesperado. E assim vai surgindo as lendas e os mitos.

Esta recriação de um fato verídico ou a recriação a partir de uma lenda, que com o passar do tempo, pode tornar-se um mito, este processo de construção é importante para compreendermos que não vivemos em um mundo estático ou em um mundo isolado, onde já recebemos tudo pronto e acabado, pelo contrário, tudo que está em nossa volta está sempre em um processo de transformação, e este processo de transformação é o que dá sentido à vida e assim podemos nos construir e nos reconstruir por meio de vários olhares a cada momento e a cada instante transmitindo uma nova forma de comunicação.

Então, quando paramos para observar aspectos que estão presentes em algum tipo de literatura, seja ela da literatura inglesa ou da literatura brasileira ou de qualquer outra literatura, sempre vai existir um discurso presente na produção da obra. Ao relacionarmos o personagem como protagonista significa dizer que ele/a [...] “é um herói ou uma heroína que descobriu ou realizou alguma coisa [...] O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo”. (CAMPBELL, 1990, p. 137).

Sendo assim isto vai sendo construído não só nos romances, mas também no imaginário popular pois a criação de um mito, pode até durar vários séculos, e, muitas destas narrativas podem até não serem questionadas porque naturalmente, vai sendo assimiladas como sendo algo verídico, então quando o Christopher Tolkien, filho de J.R.R. Tolkien, falar da narrativa do livro “*A queda de Artur*” ele afirma de forma enfática que,

Mostro aqui um relato muito condensado de sua narrativa, sem nenhum discurso das fontes literárias e tradicionais em que se baseou, visto que meu objetivo é primordialmente o de observar como *A Queda de Artur* se situa em relação à tradição heroica, de “crônicas”, iniciada por ele. Na sua história, Artur, coroado rei da Grã-Bretanha aos quinze anos, após a morte de seu pai, Uther Pendragon, iniciou imediatamente uma campanha para subjugar os odiados e os odientos saxões, e após diversas batalhas a última se travou em Bath, em Somerset. Artur levava seu escudo Pridwen, que trazia pintada a imagem da virgem Maria, sua espada Caliburn, que fora forjada na ilha de Avalon, e na cabeça tinha um elmo dourado com uma cimeira esculpida em forma de dragão. Nessa batalha Artur penetrou nas fileiras saxãs e matou de um só golpe todos os homens que atingiu com Caliburn, até que não menos de quatrocentos e setenta saxões jazessem mortos por sua mão. (TOLKEIN 2013 p. 114)

Quando fazermos uma correlação da narrativa da obra *A queda de Artur* com a relação do mito podemos então perceber a importância da literatura como um meio de cominação, pois é por meio do uso da linguagem onde as palavras são decodificadas transmitindo a informação por meio das ideias, isto faz com que o leitor viaje em seu pensamento e passe a imaginar um outro universo totalmente diferente da sua realidade contemporânea.

Ainda por meio desse olhar, onde o mito ganha destaque, por meio da narrativa onde a linguagem de comunicação está presente Campbell (1990) afirma que,

[...] A façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa série de aventuras que ultrapassam o usual, quer para recuperar o que tinha sido perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida. [...] Mas a estrutura e algo do sentido espiritual dessa aventura já podem ser detectados [...] Esse é o motivo básico do périplo universal do herói – ele abandona determinada condição e encontra a fonte da vida, que o conduz a uma condição mais rica e madura. (CAMPBELL 1990 p. 138)

Quando falamos em mito podemos colocar como ponto de referência a literatura clássica, porque ela está repleta de narrativas épicas, e entre tantas narrativas destaco as epopeias** da Grécia, de Roma entre outros países onde os seus heróis e heroínas foram construídos e formados por meio de uma ideologia para contar ou explicar algo que até então não se tinham uma explicação e dessa forma, foram criando ao mesmo tempo um enorme panteão de deuses e deusas, semi-deuses/as, anjos e demônios cada um com suas próprias qualidades e suas características bem definidas e ao mesmo tempo estes seres também se relacionam com os homens.

Também, é importante compreender que estes seres que foram criados pela mitologia, muita das vezes eles/as se relacionavam com os homens mortais, eles/as também guerreavam entre si e viviam em busca de algo que lhes trouxessem algum tipo de prazer. Em troca de proteção os homens e as mulheres mortais se submetiam aos desejos e caprichos destas divindades onde o ato sexual muitas das vezes eram praticados, e para que um homem ou uma mulher pudesse conquistar algo eles/as também ofertavam oferendas.

Em relação à Literatura Inglesa, objeto de estudo neste artigo, observa-se que a obra *A Queda de Artur*, escrito pelo autor J.R.R. Tolkien em 2013, também, demonstra estas características, de como esta literatura inglesa foi pensada por meio da narrativa de um herói de grande expressão, cuja bravura demonstra está acima da média, entre os demais homens da terra, pois os relatos sobre o rei Artur “[...] *A história não busca, na verdade, explicar a origem, está mais interessada no valor [...]*” (CAMPBELL 1990 p. 142). Que o mito tem ao se tornar um arquétipo da cultura sendo ele então um representante de uma cultura bem distinta.

Nesta perspectiva de compreender a importância do mito Campbell (1990 p.173) afirma que “ [...] *a mitologia não é uma mentira; mitologia é poesia, é algo metafórico. Já se*

** Narrativa épica onde conta-se a história de um herói e seus grandes feitos.

disse, e bem, que a mitologia é a penúltima verdade penúltima porque a última não pode ser transposta em palavras. Está além das palavras, [...]”. Porque, ela se torna com o passar do tempo uma narrativa épica por meio de sua grandiosidade.

O nosso objetivo não é de fazer uma análise cronológica da mitologia como forma cultural de uma civilização, mas, é importante ressaltar a importância do mito para contextualizar com a narrativa do livro *A queda de Artur*. Se é verdade ou se é uma ficção esta narrativa, não podemos afirmar, mas podemos questionar qual é o interesse que existe ao fazer uma narrativa de um herói com tantas qualidades que um ser humano jamais iria conseguir ter e também desfrutar de tamanhas façanhas.

É importante compreender que, dentro desse processo de construção, se o rei Artur realmente existiu, “[...] o que não é possível, mas não se pode assegurar, ele foi um chefe bretão que combateu os invasores saxões no começo do século VI [...] muito mais tarde a literatura celta fala sobre ele [...]” (BRUNELL 2005, p. 101). Mas, deve-se isso, aos romancistas franceses o mérito de falar desse herói que fecunda o imaginário popular associando-o a idade média como sendo a sua época de existência. Para Le Goff (2011), ao falar da origem do rei Artur ele afirma:

O verdadeiro nascimento de Artur encontra-se na obra de um cronista provavelmente galês, um cônego de Oxford chamado Geoffrey de Monmouth, em sua história *regum britanniae* (História dos reis da Bretanha) redigida entre 1135 e 1138. Geoffrey conta a história dos reis da Bretanha a partir de Brutus, que junto com os romanos e bárbaros, os bretões são governados por uma série de reis [...] (LE GOFF, 2011, p. 30-31)

Sendo assim, seja qual for o nome atribuído ao rei Artur, como hoje o conhecemos, isto também demonstra que ele é um personagem que desde aquela época já era conhecido e provavelmente a oralidade contribuiu de forma significativa para que essa narrativa de um grande herói épico pudesse se espalhar pelos quatro cantos do mundo e chegar até os nossos dias. Pois, a sua narrativa tem sido contada em inúmeras produções, quer seja em séries de TV's ou em cinemas, atingindo assim uma nova linguagem de comunicação.

Ao falar da narrativa do rei Artur como um personagem que sobreviveu a tantos séculos, chegando até aos nos dias como um clássico da literatura inglesa, pois ela é uma literatura de grande expressão e ainda toca profundamente no imaginário das pessoas, fazendo com que esta imaginação vislumbre um mundo mágico onde o bem sempre vai vencer o mal, e que sempre vai existir um mundo perfeito onde a justiça será soberana.

É por meio desse olhar, que colocamos a capacidade do homem de criar e também de se relacionar não só com ele mesmo, mas também com várias pessoas ao mesmo tempo, e por meio dessa capacidade podemos ver este reflexo como se fosse um espelho onde vão estar

presentes vários sentimentos dos quais sobrevivem aos tempos, é por meio dessa linguagem que estabelecemos o diálogo para compreender o outro e também expressar as nossas emoções dentro de um processo cultural que muitas das vezes ela pode se tornar uma cultura híbrida.

Colocando em evidência que cada povo ou cada civilização constrói as próprias características que se traduzem fortemente em identidades, como marca de representação de um lugar social onde o homem está inserido, esta representividade do rei Artur como mito mostra esta capacidade do ser humano não só a capacidade de criar, mas, também a capacidade de fazer uso de sua criação, e dessa forma eterniza a memória de um povo onde a identidade permanece viva.

Outro fator importante ao estabelecer um diálogo entre diferentes autores é que temos de levar em consideração a ação do tempo, porque é uma força implacável, e muitas coisas podem se perder e também pode ser modificada, isto acontece porque a língua é viva e as futuras gerações também podem dá um novo significado, não só ao vocabulário, mas, também aos costumes e hábitos de uma determinada época, mas também é importante ressaltar que uma língua também pode ser extinta, mas em contexto com a possível existência do mito do rei Artur. Ainda nesta perspectiva de compreender a origem do rei Artur e de como isto poderia ter sido influenciado pela oralidade entre diversos povos, pois muitos desses elementos culturais poderiam ser absorvidos, mesmo sem que as pessoas pudessem perceber que elas estariam contribuindo para recriar uma narrativa ou até mesmo dá origem a outra narrativa e construir novos mitos.

Diante do que já está sendo exposto, podemos dizer que o mito do rei Artur é importante para compreendermos como é feita a construção de um mito, porque a ele é atribuída todas as qualidades que um ser humano nunca iria ter. Então o personagem está classificado como sendo um grande herói da literatura, apesar de não ter de fato registros históricos que comprovem a existência do rei Artur, mas isto demonstra o poder das palavras por meio da literatura, porque é por meio dela que fazemos uso natural da língua como forma de cominação social, pois o rei Artur: “[...] é um mito [...] e as narrativas [...] se organizam a sua volta foram colocadas em um passado linguístico, para marcar a origem e justificar a existência de uma certa ordem e de certos valores do mundo cavaleiresco. [...]” (BRUNEL 2005 p. 108). Cujas maravilhas descritas em seu reino colocam o Santo Graal como um símbolo de grande poder a ser conquistado.

Por meio desse contexto o historiador LE GOFF relata que:

Enquanto objeto mítico com a Távora Redonda está associada estreitamente com a imagem do rei Artur, um objeto personalizado, pertencentes aos grandes guerreiros e cavaleiros está mais ainda ligada ao seu nome: a sua espada. Espada mágica cujo peso ele é o único a conseguir manejar, com a qual ele extermina maravilhosamente inimigos e monstros principalmente gigantes [...] essa espada é Excalibur [...] (LE GOFF, 2011, p. 34)

Esta comparação de poder atribuído as maravilhas do reinado do rei Artur, talvez esteja associada de forma metafórica segundo BRUNEL (2005, p. 109), *“a revelação de cristo para uso e glória da cavalaria. Mas ele não foi copiado da mitologia propriamente dita, mas sim um pouco da história e, de uma maneira duvidosa, do folclore. É uma criação quase completa [...]”*. De uma produção literária que também faz referência com a literatura bíblica.

E, assim, Christopher vai fazendo os seus relatos mostrando aspectos curiosos que fomentam ainda mais a discussão sobre a origem da obra onde o personagem mítico o rei Artur ganha cada vez mais visibilidade, fazendo com que no imaginário popular dele seja considerado um herói, com múltiplas capacidades, que jamais homem algum na terra poderia conquistar, e assim ele relata,

Consegui descobrir uma única referência a esse poema feita por meu pai, que está em uma carta de 1955, onde ele disse:
“Escrevo poesia aliterante com prazer, apesar de ter publicado pouca coisa além dos fragmentos em O Senhor dos Anéis, com exceção de The Homecoming of Beorhtnoth [...] Ainda espero terminar um longo poema sobre A Queda de Artur na mesma medida” (The Letters of J. R. R. Tolkien, no 165). Entre seus papéis não há nenhuma indicação de quando foi iniciado ou quando foi abandonado; mas felizmente ele conservou uma carta que lhe foi escrita por R. W. Chambers em 9 de dezembro de 1934. Chambers (professor de inglês no University College, Londres), que tinha dezoito anos a mais do que ele, era um velho amigo e vigoroso apoiador de meu pai, e nessa carta relatou que havia lido Artur em uma viagem de trem para Cambridge, e na volta “tirou vantagem de uma cabine vazia para declamá-lo como ele merece”. Falou do poema em tom altamente elogioso: (TOLKIEN, 2013, p. 10).

Ainda dentro desse contexto, onde os manuscritos fazem referência a obra de Tolkien é possível falar que estes personagens presentes em sua obra eles apresentam todos os sentimentos que confrontam o ser humano, pois Tolkien explora as motivações e personalidades de Mordred, que impulsionado pela sua voracidade em quer impor os seus desejos se tona como a maioria dos homens que para alcançar algo tem de destruir alguém, e Lancelot e descrito em seus conflitos existenciais. Pois a interação entre Mordred, Guinever, e Lancelot, aparecem como uma história secundária, mas que dá ritmo ao poema.

Portanto, as histórias sobre Artur e suas lutas de conquistas mostra a importância do estudo desta obra não só como uma forma de resistência, dos bretões contra os saxões, e a sua

simbologia mostra o modelo de um rei-justo e guerreiro, que ainda está presente em nossos dias como parte de uma construção cultural que de certa forma também influencia em várias formas de produção literária, que seja para o cinema, teatro, series de tv ou até mesmo na releitura da obra, olhando a narrativa com outros olhares, buscando perceber novas características que dantes não foram visualizadas.

4 AQUEDA DE ARTUR: O MITO E SUA LENDA

Neste momento, se faz necessário trazer a conceituação de dois vocábulos importantíssimos em nosso trabalho, são eles: *mito* e *herói*. Por isso, a definição desses termos se faz necessária para que os leitores possam ter melhor entendimento da temática o *mito do herói* na obra *A Queda de Artur* do escritor J. R. R. Tolkien, a qual nos propomos a trabalhar neste Trabalho de Conclusão de Curso.

O *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* apresenta a seguinte de para o vocábulo *mito*: “1 História fantástica de transmissão oral, cujos protagonistas são deuses, semideuses, seres sobrenaturais e heróis que representam simbolicamente fenômenos da natureza, fatos históricos ou aspectos da condição humana; fábula, lenda, mitologia^{††}”.

Já o termo *herói*, também definido de acordo como o *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, apresenta as seguintes definições: “1 Filho nascido da união de um ser divino (deus ou deusa) com um ser humano; semideus. 2 Homem que era divinizado depois de sua morte; semideus. 3 Homem que se notabiliza por feitos guerreiros ou atos de grande coragem^{‡‡}”.

Diante dos conceitos expostos, fica evidente a relação de proximidade dos termos, e que tem em comum, seres rompem a barreira dum mero humano, capazes de realizarem grandes feitos, a esses seres dar-se-á o apelativo de *heróis*, que de acordo com Campbell (1990), os *heróis* geralmente possuem objetivo “[...] de salvar um povo, ou uma pessoa, ou defender uma idéia. O herói se sacrifica por algo[...]”. (CAMPBELL, 1990, p. 141).

†† MITO. In: MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mito/>>. Acesso em: 31 mai. 2018 às 09:44

‡‡ HERÓI. In: MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=her%C3%B3i>>. Acesso em: 31 mai. 2018 às 09:47

Por isso, diante do fascínio causado por esses seres “fantásticos” – os *heróis* – que colocam suas vidas em jogo por seus objetivos, nos propomos na obra *A Queda de Artur*, analisar o mito do herói, que na obra se materializa na figura do rei Artur^{§§}.

A obra *A Queda de Artur* autoria de J. R. R. Tolkien, possui uma particularidade – ela não foi concluída, não se sabe ao certo o motivo que levará, Tolkien a não concluir esta obra. E que só veio a ser publicada por Christopher Tolkien, seu filho. A obra conta as grandes aventuras vividas pelo rei Artur, a obra foi escrita em formas de poemas, cujo o recurso estilístico utilizado na composição do poema é a aliteração^{***}.

O livro *A Queda de Artur* é composto por cinco poemas ou cânticos, os quais são denominados da seguinte forma: o primeiro, *I - Como Artur e Gawain foram à guerra e cavalgaram rumo ao leste*; o segundo, *II - Como o navio frísio trouxe notícias, e Mordred reuniu seu exército e chegou a Camelot em busca da rainha*; o terceiro, *III - De Sir Lancelot, que habitava em Benwick*; o quarto, *IV - Como Artur retornou de manhã e pela mão de Sir Gawain conquistou a passagem do mar* e quinto, *V - Do pôr do sol em Romeril*.

Neste trabalho, iremos analisar a presença do herói em cada um dos cânticos que compõem a obra em questão.

4.1 Cântico I

Artur partiu ao oriental combate
e trava batalha em terras selvagens,
nas vagas navega, atravessa até os saxões,
do reino de Roma a derrota quer evitar.
Pra voltar atrás do tempo a maré
a esperança o carrega, os hereges derrotar
que com naus inúmeras nunca mais assediem
as praias compridas, as priscas águas
nem tenham butim da Bretanha, sua ilha.
Como a terra que ténue se torna no outono
e o sol que descendo se assenta no poente
sob neblina sombria, obriga-se o homem
a fadiga e andança, que abundante corre
o sangue sob o sol, abrasada a alma,
após glória prolongada, para um golpe final
de amor-próprio e provas, para em prática pôr
a vontade constante combatendo a sina.

^{§§} “Artur é um herói e exemplar da Idade Média. Embora seja provável que ele tenha sido inspirado por uma personagem histórica, não se sabe praticamente nada sobre ela. (LE GOFF, 2001, p. XXX)

^{***} “Repetição dos mesmos fonemas no início de várias palavras na mesma frase ou verso”.

ALITERAÇÃO. In: MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=alitera%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 31 mai. 2018 às 10:00

[...]

Arthur para o leste em armas proposto sua guerra para travar nas marchas selvagens, sobre o mar navegando para as terras dos saxões, do reino romano a ruína defendendo. Assim, as marés do tempo para voltar atrás e os pagãos se humilharam, sua esperança o estimulou, que com navios a arder eles não deveriam mais caçar nas margens brilhantes e águas rasas da Grã-Bretanha do Sul, procurando espólio. " (TOLKIEN, 2013, p. 16)

No cântico I, conforme nos mostra o fragmento do poema, a cima descrito, temos a partida do rei Artur, que juntamente com seus cavaleiros, vão guerrear e conquistar territórios travam muitas batalhas, lutando com diversos povos, inclusive com os saxões (antigo povo de origem germânica^{†††}), que lutavam para conquistar a Bretanha, a qual Artur lutou para defender. Então ao analisarmos este poema, podemos perceber que ele faz referência as batalhas que o rei Artur fazia em terras distantes de seu reino para expandir e conquistar novos territórios, pois dentro desse contexto em que Roma durante a narrativa do poema nos dá a entender que o império romano estaria caindo em decadência e o rei Artur mais uma vez sai vitorioso de uma guerra pois o poema relata que a grã - Bretanha do Sul procura por espólio ao final da guerra.

De acordo com as palavras de Le Goff (2011) em sua obra *Heróis e maravilhas da Idade Média*, discorre que:

Artur entra, portanto, para a história essencialmente como guerreiro de estatura excepcional, **um defensor dos Bretões**, e, na Alta Idade Média, sua figura permanece ligada à literatura oral dos celtas, especialmente nos *Mabinogion galeses*, que contam as infâncias de heróis [...] a natureza do herói Artur, aquele que a Idade Média ocidental criou e legou-nos é um herói celta particularmente associado à ideologia nacional britânica. (LEE GOFF, 2011, p. 30).

Nessa linha de pensamento, vemos o rei Artur como um herói que se coloca sua vida à disposição de um povo, que estava a mercê de invasores, os atos de bravuras, as aventuras, as batalhas de Artur começam a se difundirem na cultura celta, por meio de relatos orais, relatos esses que vão consagrando o mito herói Artur, e permite que a lenda de Artur seja difundida em diversas culturas e que a mesma sobreviva ao longo dos tempos.

4.2 Cântico II

[...] Mordred já marcha; muitos mensageiros
ao norte e ao leste as novas já levam
ao longe por Logres. Cavaleiros e chefes
convida a virem, convoca depressa
em memória do juramento, a Mordred fiéis,

^{†††} JUNIOR, Antonio Gasparetto. **Saxões**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/povos-germanicos/saxoes/>>. Acesso em 31 de mai. de 2018 às 15:20

certos na hipocrisia, adversários de Artur,
fortes na perfídia, fáceis de comprar,
sectários da fortuna, flibusteiros
de Erin, de Alban, do este de Sassoin,
de Almain e Angel e das ilhas da névoa;
os corvos da costa e dos crus pântanos.

Ele acode a Camelot, buscando a rainha.
De seus pés os passos às pressas ela escuta
que escalam a escada machucando os degraus.
Ele alcançou seus aposentos. Abrasados os olhos,
à porta se posta, espia soturno. (TOLKIEN, 2013, p. 30).

Estando o rei Artur distante da Bretanha, sua ilha, partindo à oriental guerra, travando batalhas aos inimigos, em terras selvagens, acaba deixando frágil o seu reinado. Com a saída de muitos dos seus valentes guerreiros para juntos guerrear em terras distantes, deixa aos cuidados de Guinever (sua Rainha) seu trono na corte de Camelot. Neste interím, seu sobrinho Mordred usurpa o trono e o domínio da ilha, e estabelece alianças com reinados inimigos para se fortalecer. Conforme Le Goff (2011),

O herói é apenas um homem, todo homem é pecador, e à fidelidade feudal opõe-se inevitavelmente a traição de malfeitores. Além disso, embora a ideologia da monarquia construa a personagem do rei como herói, ela está longe de conferir-lhe o caráter absolutista que mais tarde o Renascentismo e a época clássica buscaram atribuir-lhe. Artur é pecador, Artur é traído [...]. (LEE GOFF, 2011, p. 36).

Nesta perspectiva, que de certo modo está associada à ideologia cristã, vemos a perda do “poder” e porque não dizer uma perda de “credibilidade” era centrado na figura do herói, pois segundo essa linha de pensamento, o herói também tem sua natureza humana e consequentemente comete pecados como todos os outros humanos.

E, entendo que para o cristianismo todo pecado é passível de punição e/ou castigo, tem-se que a traição sofrida por Artur, nada mais é do que um castigo dos Deuses pelos pecados cometidos por ele, deste modo colocando à prova a dimensão dos “poderes” desses heróis, pois para Le Goff (2011), “[...] não existe herói todo-poderoso nem maravilha sem um lado inverso”. (LE GOFF, 2011, p 30).

4.3 Cântico III

Irmãos afirmados mexem as espadas e a Távola Redonda foi toda partida por lâminas geladas na luta pela Rainha. Com dura justiça tomam a Rainha, a formosa e mágica mandam à fogueira, à morte inclemente. Mas a morte esperou. Ali chega Lancelot, relâmpago veloz, trovão que cavalga, fogo indômito, em assédio súbito, assalta sem pena, derruba e arrasa caríssimos amigos, como moitas que a tormenta inclemente arranca. Gaheris e Gareth, de Gawain os irmãos, pelo fogo desfeitos como o fado quis. Do fogo a salvou, levou-a para longe; e tomados pelo medo não

se animaram a segui-los; pois a gente de Ban em combate protegeu-o. TOLKIEN (2013, p. 45)

Então, é perceptível ao nosso olhar que neste poema de número III que o personagem Lancelot está aprisionado em seu próprio erro, e por comprometer a lealdade e o respeito dentro do círculo da Távola Redonda^{†††} que foi desfeita após a luta pela rainha, onde por amor e paixão guerreou contra os amigos para não ver seu amor queimada na fogueira, após a descoberta da sua traição para com o rei Artur, ao conseguir derrotar seus amigos, conseguiu resgatar Guinever e ambos fogem, como relata. Pois dentro desse contexto onde a traição foi um fator determinante para a quebra da amizade entre ambos, é importante compreender que:

A Távora redonda é o sonho de um mundo de igualdade que não encontrou a sua encarnação na sociedade medieval que era fortemente hierarquizada e desigual. No entanto, na ideologia feudal há uma aspiração a criar na camada superior, nobre e aristocrata, instituições de um comportamento de igualdade. O beijo na boca trocado pelo senhor e o vassalo é o símbolo gestual disto. A Távora redonda além da referência a globalidade do universo a totalidade do globo, consiste em um sonho de igualdade que seria garantido por Artur e que encontrara a sua encarnação social no mundo aristocrático. (LE GOFF, 2011 pp. 32-33)

De acordo com a citação qualquer semelhança entre a ficção e realidade não é apenas uma coincidência, pois assim como era o mundo medieval atualmente também vivemos cercados de vários conflitos, quer seja de ordem social, política, econômica e até religioso, e todos almejam poder viver em um mundo idealizado onde a igualdade seria o maior bem a ser conquistado, para que todos pudesse viver em paz e segurança.

4.4 Cântico IV

Ainda nesta mesma perspectiva de análise dos poemas destaco o poema de número quatro por título “*Como Artur retornou de manhã e pela mão de Sir Gawain conquistou a passagem do mar*”.

Assim, de manhãzinha, aproxima-se Artur,
Retornando afinal, monarca de perdido reino.
No seupendão radia, bordada em prata,
Alva rainha que alça nos braços
Um recém-nascido de santa donzela,
Transluzido de sol. Acende-se o mar.
A muitos se mostra, e Mordred o reconhece,
O estandarte de Artur. Afastando os olhos,
O emblema de Benwick busca afoito,
Prata sobre preto. Pois não o enxerga.
A linda flor-de-lis desfalece em seu campo

^{†††} Símbolo de igualdade que pertence a narrativa da história do rei Artur.

E tomba na treva. O destino aproxima-se.
 Sobe o sol, assomam as velas.
 No meio do mar debilmente soando
 Escutam comes. Erguendo-se vem
 a plena pressa, próximo de Artur,
 um forte navio que fulge na manhã,
 alto e alvo, de ouro é seu casco;
 na vela se vê um levante sol, (TOLKIEN, 2013, pp. 51-52)

O poema de número IV fala da volta do rei Artur pós um período afastado do reino porque estivera em combates em outras terras, o pendão real que é descrito demonstra o seu poder, e também serve de referência para que alguém possa confirmar a sua autoridade suprema, um detalhe importante é que aparentemente ente o rei Artur e a rainha Guinever parecia estar tudo bem, pois “o recém-nascido que a alva rainha trazia em seus braços” reforça a ideia da mulher submissa que fica em casa esperando o esposo em quanto ele prover a família. Pois com a ajuda de encantamentos do mago Merlin recebe a mulher que ele ama, Ingerne um filho [...] (LE GOFFE, 2011 p 31) Outro fato interessante é que “a linda flor-de-lis desfalece em seu campo” talvez já seja um prenuncio de um futuro próximo que está prestes acontecer.

Segundo Le Goff 2011 ao falar do rei Artur ele afirma que:

[...] mas do que guerreiro e do cavaleiro, Artur é a encarnação mítica do líder por excelência das sociedades políticas medievais, o rei. É significativo que, muito cedo – como se vê, por exemplo, no mosaico do século XI do pavimento da igreja de otranto, na Itália do Sul – o verdadeiro nome de Arthurus rex [...] (LE GOFFE, 2011 p 33)

E dessa forma o mito do rei Artur ainda permanece vivo no imaginário popular, como um símbolo de um homem que lutou para conquistar os seus ideais, mesmo que para isto pudesse usar de sua força física para destruir outros reinos.

4.5 Cântico V

Contempla terra altiva e clara.
 Ali passeia a traição, soam trombetas
 Com altivo poder. Traidores, príncipes,
 Na costa agrupam seus escudos sem pudor
 Enganando seu senhor. Renegam a Cristo,

Virando sua esperança ao poderio pagão.
 Muitos marcham rumando para o sul;
 Leste cavaleiros malévolos acorrem
 Como feras de fogo que inflamam e arruinam;
 Alvas torres viram tochas, o trigo é repisado,
 O chão queixando-se, murchando a grama.
 Há tristeza na Bretanha e extingue-se o mundo;
 Os sinos silenciam, ressoam espadas,

O inferno está vizinho, o céu se afasta. (TOLKIEN, 2013, p. 56-57)

Neste poema o rei Artur, demonstra um sentimento que durante a sua narrativa nunca fora atribuído a ele como sendo um ser humano frágil sentindo as mesmas variáveis que as demais pessoas, porque ele é sempre descrito como um rei sobrando, forte e decidido em seus desejos, mas neste momento ele aparece com todas as dúvidas e incertezas de um ser humano como se já soubesse como seria o seu fim pois a narrativa diz “*Há tristeza na Bretanha e extingue-se o mundo*” como se fosse o final de seu império. Pois para LE GOFF 2011 ele apresenta o rei Artur ao lado de Gueniève e os cavaleiros da Távora redonda como sendo [...] “os heróis de uma Inglaterra decidida a combater, os saxões, após o fim da ocupação romana, afim de permitir o país continuar no caminho do progresso [...]” (LE GOFF, 2011, p. 39)

Então, as análises destes poemas, independente do trecho a ser analisado sempre vai recontar a história de um rei chamado Artur e de suas batalhas em outros reinos para conquistar novos territórios, cujo poder o torna um grande herói da idade média, em outras palavras podemos afirmar, também, que é uma epopeia, porque seus contos de bravuras e coragens não se perderam com o passar dos séculos, pois a sua lenda está contida no imaginário coletivo como uma figura mitológica ou folclórica, deixando um vasto legado enigmático e místico de seus grandes feitos enquanto rei da antiga Grã-Bretanha.

Porém, a sua morte durante a narrativa do poema, o projetou para ser um lendário herói de visibilidade mítica, e culturalmente conhecido por meio da literatura inglesa. Pois segundo Tolkien, ao falar da cena de sua morte: Artur recua para o oeste. Rumor do avanço de Mordred. Mordred emerge da mata. Batalha de Camlan. Artur e Mordred matam um ao outro “[...] *Artur morrendo na escuridão. Salteadores dão busca no campo*”. (TOLKIEN, 2013, p.163).

Enfim, O livro *A queda de Artur* tem 286 páginas, ele traz a tradução para o português e, também, mantém o texto original com o inglês, que era falado há época em que o manuscrito foi feito por TOLKIEN e o livro atualizado traz informações sobre a lenda arturiana descrevendo como provavelmente Tolkien produziu a obra e neste mesmo livro apresenta fragmentos e alterações que foram feitas ao longo dos anos em que ele fora editado em diversos países.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi desenvolvida uma análise sobre o livro *A queda de Artur* escrito por Tolkien e depois editado sobre forma de poema épico pelo seu filho Christopher Tolkien. Sendo assim, esta análise objetivou a falar da obra já mencionada, como uma produção literária inglesa, onde o heroísmo está presente de forma enfática por meio da narrativa da obra, onde o rei Artur surge como um bravo guerreiro.

Por assim proceder, com consultas biográficas que reforçam os argumentos aqui apresentados, este artigo acadêmico vem contribuir com a teoria da literatura fazendo ressalvas de como um mito pode ser objeto de estudo por meio de diferentes olhares e sobre a sua construção ideológica.

No decorrer da análise o rei Artur é um personagem mítico, apesar de haver discordância entre críticos literários, por afirmar que ele existiu, mas de fato não encontramos nem um registro que venha comprovar a sua existência só encontro de relatos de uma narrativa onde muito das histórias que são contadas acabam por parecerem fantasias de uma mente brilhante que em uma época em que guerrear era uma questão de sobrevivência para poder conquistar novos territórios, o rei Artur nasce com estas características bem definidas para mostrar talvez a ideologia de como devesse ser um forte guerreiro e, dessa forma, a imaginação popular foi recriando o mito de um rei que lhes pudesse trazer alguma esperança de ter uma vida melhor.

É possível observar durante a história do rei Artur que ele era perfeito, e capaz de unir os bretões contra os saxões, mas é importante destacar que o personagem do rei Artur sendo uma construção cultural isto também significa dizer que, o mito pode ser compreendido como sendo uma expressão simbólica da realidade, aonde os sentimentos e as crenças de uma civilização vão está presente como marca de um povo, cuja identidade social e cultural surge para demarcar o seu território por meio de um discurso, onde a comunicação surge como forma de manter o diálogo entre diversas culturas, mesmo que naquele período não se tenha a definição do que talvez seria uma comunicação por meio de uma linguagem, tal como a conhecemos em pleno século XXI, pois é preciso se comunicar para sobreviver.

Por haver diferentes olhares sobre o mito do rei Artur, não só por teóricos que trabalham com esta temática, mas, também, entre as pessoas mais leigas que já ouviram falar dessa construção literária, por isto, é importante reafirmar que de acordo com cada região ele poderia ter uma ressignificação diferente entre povos daquela época onde a narrativa do santo graal também está associada uma visão não só mítica, mas também religiosa, porque ambos os conceitos de alguma forma vão se interligar para poder fazer parte da construção desta narrativa que também se torna uma epopeia.

Portanto, falar da construção do personagem rei Artur e como este mito foi trabalhado durante vários séculos, são mostrar o poder da literatura como parte cultural de uma civilização que se destaca entre as demais, porque ela deixa o seu legado demonstrando, assim, a sua aquisição com o uso da escrita, para que as suas ideias possam ser reproduzidas independentes do tempo ou da época.

RESUMEN

La narración del libro nos hace entrar en un mundo imaginario repleto de fantasías y encantos, pero que también nos transporta a un mundo real donde la ficción se funde con realidad con características de una época llamada de edad media. Este artículo fue producido a partir del análisis de lecturas del libro *La caída de Artur* (2013) escrito por J.R.R. Tolkien, aunque es un libro inacabado, él cuenta algunas aventuras del rey Arturo de Camelot, entre estas aventuras están las batallas marítimas, cuestiones de Lancelot, su ida y vuelta a las tierras salvajes y su conflicto con Mordred. El objetivo principal de este artículo es analizar el mito héroe a través de la obra *La caída de Artur* (2013) escrito por J.R.R. Tolkien. Para tanto nuestra fundamentación teórica se basa en Brunel (2005), Campbell (1990) y Le Goff (2011). El análisis nos muestra que el personaje rey Arturo y como este mito fue trabajado durante varios siglos, son mostrar el poder de la literatura como parte cultural de una civilización que se destaca entre las demás, porque deja su legado demostrando, así, la adquisición con el uso de la escritura, para que sus ideas puedan ser reproducidas independientes del tiempo o de la época.

Palabras clave: Artur. Mito. Imaginaria.

REFERÊNCIA

- BRUNELL, Pierre. **Dicionário de Mitos Literários**. 4º. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 100 – 109.
- CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990, p. 132 – 173.
- CARPENTER, Humphrey. **J.R.R. Tolkien uma biografia**. Tradução de Ronald Eduard Kymse. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. 2º. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 30 – 40.
- TOLKIEN, J.R.R. **A queda de Artur**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013, p. 3 – 286.

WHITE, Michael. **J.R.R. TOLKIEN: O Senhor da Fantasia.** Tradução para a língua portuguesa © Bruno Dorigatti. Rio de Janeiro: RJ, 2004.